

# A Apple e o Carbono

Os futuros historiadores terão imensa dificuldade em explicar nosso tempo, pois a insanidade coletiva promovida pela agenda ecowoke atingiu níveis quase indescritíveis. Acreditar que créditos de carbono podem salvar a economia e a humanidade, ao mesmo tempo que se adere à narrativa de um estado de exceção climático, equivale a aceitar que gatos são lebres. Explico.

A moeda do admirável mundo woke – o crédito de carbono – nada mais é do que um instrumento para estabelecer mecanismos de governança global, dificultar a industrialização de países do Terceiro Mundo e exercer controle sobre seus sistemas energéticos e suas terras. Em essência, trata-se de uma afronta à soberania nacional e ao direito de autodeterminação.

Os créditos de carbono são apresentados como ferramentas para reduzir emissões de gases de efeito estufa, permitindo que empresas, governos e até indivíduos compensem suas emissões. Cada crédito representa a remoção ou a não emissão de uma tonelada de dióxido de carbono ou gases equivalentes. Esses créditos são gerados por projetos que, supostamente, reduzem, capturam ou evitam emissões como o reflorestamento, que captura carbono por meio do crescimento de árvores, ou usinas de energia solar, que evitam a queima de combustíveis fósseis.

Embora a ideia pareça bem-intencionada, ela esconde uma dinâmica perigosa. Os créditos de carbono são regulamentados por padrões internacionais, como o *Verified Carbon Standard (VCS)* e o *Clean Development Mechanism (CDM)* da ONU. Isso significa que o controle dessas transações está nas mãos de instituições multilaterais, sem recurso a tribunais locais em caso de disputas. Além disso, auditorias internacionais supervisionam os projetos para garantir que cumpram suas promessas. Uma vez certificados, os créditos podem ser comprados por empresas que desejam compensar suas emissões. Por exemplo: uma companhia aérea pode adquirir créditos de um projeto na Amazônia para “mitigar” seu impacto ambiental.

Na prática, trata-se de uma transação em que alguém paga para que outro não produza. Essa lógica, que poderia ser vista como motivo de internação em outros tempos, tornou-se normalizada no mundo ecowoke, onde a malícia e a loucura parecem não ter limites.

- Os historiadores dos séculos vindouros terão dificuldades em explicar as loucuras dos nossos tempos.
- Créditos de carbono e demais políticas ecowokes não são propostas para salvar o planeta, mas para controle e submissão.
- O crédito de carbono é um meio utilizado para impedir a industrialização de países do terceiro mundo e entregar o domínio da terra para grandes corporações.



Um exemplo recente é a iniciativa da Apple no Brasil. A empresa anunciou uma parceria com a Symbiosis, uma empresa especializada em reflorestamento, para recuperar terras degradadas na Bahia. A joint venture prevê a aquisição inicial de mais de mil hectares, com expansão para até cinco mil hectares até 2026. Financiado pelo *Restore Fund da Apple*, criado em 2021, o projeto visa reflorestar áreas e implementar práticas sustentáveis para combater as mudanças climáticas.

Por trás dessa narrativa, no entanto, está um fato alarmante: uma empresa estrangeira está usando fundos privados para decidir o destino de terras dentro de um Estado soberano. Se essas terras forem destinadas ao reflorestamento, estarão vetadas para outros usos. E, de forma ainda mais grave, permitimos que essa apropriação ocorra em nome do "combate às mudanças climáticas".

Ao aderirmos a essas transações, estamos comprando gato por lebre. A preocupação dos defensores dessa agenda não é salvar o planeta; mas manter o Terceiro Mundo sob controle, limitando sua autonomia e restringindo seu desenvolvimento em nome de uma causa que, na prática, serve a interesses econômicos e políticos de grandes potências.

